

O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1875 JULIO MESQUITA (1865-1927) Domingo 23 de JANEIRO de 2022 • R\$ 7,00 • Ano 143 • Nº 46849 estado.com.br



Fim de semana

E&N B4 e B5
Preço em alta
Consumidor revê seu padrão de exigência até para carro usado

Novas drogas A19
Combate ao vírus chega à 2ª geração
Pesquisas miram de spray a pílula

aliás C6 e C7
Do inebriante ao terapêutico
Livro mostra a relevância do fungo



Os restaurantes preferidos dos chefs
Rodrigo Aguiar e Giovanna Perrone no Bar do Luiz Nozoi; convidamos chefs e restaurateurs para indicar os locais que frequentam. C4 e C5

E&N O que pensam os CEOs B6
Eleição, crise e covid estão no centro das preocupações para 2022

Executivos de grandes companhias projetam que, mais do que temer, as empresas têm de aprender a lidar com as ondas do vírus.

“Todos temos de aprender com o vaivém do vírus”
Waldemar Junior
presidente da General Mills

E&N Trabalho B1 e B2
Empregos até reaparecem, mas com salários baixos e mais precários

Estudo mostra que total de ocupados com renda mensal de até um salário saltou para 33,6 milhões no País.

Notas e Informações A3
O mal que Lula faz à democracia

Eliane Cantanhêde A10
Uso político de doença de criança é vil e imoral

Comportamento A23
Cabelo platinado é a moda dos jovens para o verão

Eleições 2022 A9
Bolsonaro balança entre filho Carlos nas redes e marqueteiro

Tecnologia ganha espaço A26 e A27

Condenações com base em fotos entram em xeque na Justiça

Erros e vies racista levam à revisão de casos

Tribunais de Justiça estão recomendando a seus magistrados que apontem erros e revisem condenações feitas com base num antigo método usado nas delegacias de polícia, o reconhecimento por foto dos suspeitos, informa Ítalo Lo Re. O modelo é questionado sob o argumento de falhas de critério ou vies racista. O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) montou grupo de trabalho para fixar diretrizes gerais que evitem erros. Com a evolução tecnológica nas técnicas de investigação, o desafio é definir o peso que algoritmos de análise facial terão para prender ou condenar alguém.

Pandemia A21

Ministério da Saúde diz que 'kit covid' é eficaz e vacina, não

Nota técnica foi publicada pelo Ministério para justificar a rejeição a protocolo contra uso do "kit covid".

Portugal A14

Crescimento da extrema direita ameaça formação de governo

O ultraconservador partido Chega pode se tornar terceira força do Parlamento, ampliando instabilidade política.

Edição de hoje
3 CADERNOS - 56 páginas

Caderno A. Opinião, Política, Internacional, Metrópole, Esportes, A fundo. Para fechar...
E&N. Destacar Economia & Negócios

C2. Cultura & Comportamento

Tempo em SP
20' Min. 33' Máx.
ISSN - 1516-293-1
9 771516 293019

CAOA consórcios **O melhor consórcio do Brasil.** VEJA NAS PÁGINAS 5, 6 E 7 **CAOA**



Gestão A cabeça das empresas

Eleição, crise e efeitos da covid: as preocupações dos CEOs em 2022

— *Pandemia está entre as palavras mais citadas pelos executivos questionados sobre desafios do ano; eles veem que empresas têm de aprender a lidar com as ondas do vírus*

LUCIANA DYNIEWICZ

Apesar da velocidade sem precedentes do avanço da covid-19, executivos de grandes empresas já não veem a pandemia como o principal desafio do ano. Após 22 meses lidando com a imprevisibilidade que o coronavírus trouxe ao mundo, o assunto ainda está entre os mais citados por executivos quando questionados sobre as dificuldades e as oportunidades que 2022 traz. O tom, porém, não é de preocupação com a possibilidade de a pandemia voltar a paralisar os negócios, mas de que já houve muito aprendizado desde 2020 e que as companhias precisam saber lidar com as ondas da doença.

“Todos nós ainda temos de aprender com o vaivém do vírus. Teremos de continuar muito atentos à pandemia. Se o mundo já tinha grandes incertezas antes, continuará incerto, e vai ser muito importante monitorar isso”, diz o diretor-presidente no Brasil da multinacional americana General Mills, Waldemar Junior.

Nesse vaivém da pandemia, alguns executivos já tiveram de, nos primeiros dias do ano, alterar um planejamento que vinham fazendo havia meses: o retorno aos escritórios (*leia mais ao lado*). Com a agilidade conquistada à força nos últimos anos para trabalhar com imprevistos, no entanto, os profissionais não tiveram grande dificuldade de se readaptar.

CENÁRIO DESAFIADOR. Finalizando esse primeiro mês do ano, em que milhares de trabalhadores foram afastados do trabalho devido à pandemia, os rastros que a covid deixa, a situação macroeconômica brasileira e as eleições são vistos como os grandes obstáculos de 2022. “O quadro econômico não favorece os negócios. Nos últimos dois trimestres, tivemos a economia desacelerando e isso deve se repetir agora. A inflação deve ser menor, mas ainda alta. Teremos menos gente podendo acessar o mercado de consumo em 2022. Esse é o maior desafio que teremos”, diz o presidente do Grupo Boticário, Fernando Modé.

Além da possível redução nas vendas, há um anseio em

O retorno (ou não) aos escritórios nos primeiros dias do ano

Fernando Modé
Presidente do Grupo Boticário

“Não temos nenhuma grande emergência que necessite do presencial”



Devido à Ômicron, o Grupo Boticário adiou plano de volta ao escritório e restringiu a casos urgentes e trabalho presencial, as viagens e os encontros, à exceção do pessoal das fábricas e das lojas.

O administrativo (26% do quadro) deve ter pelo menos oito momentos presenciais por ano para interagir. “Não temos nenhuma grande emergência hoje que necessite do presencial”, diz o presidente da companhia, Fernando Modé. “As coisas estão funcionando com regularidade satisfatória. Mas não queremos ter algum problema por termos mantido assim por muito tempo.”

Lídia Abdalla
Presidente do Sabin

“Temos resultados mais rápidos e melhores com os times presencialmente”



Como outras empresas de medicina diagnóstica, o Sabin se viu no começo do ano com um salto na demanda por exames de pessoas com sintomas de covid e influenza.

Para garantir acesso ao serviço, a companhia optou por manter o modelo de operação que já vem adotando há algum tempo, com apenas funcionários de TI e de call center em trabalho remoto.

“Temos resultados mais rápidos e melhores com os times presencialmente”, diz a presidente do grupo, Lídia Abdalla. “Na nossa empresa, até o backoffice faz trabalho de campo. Ganhamos velocidade e rapidez no presencial.”

Roberto Jatáhy
Diretor-presidente do Grupo Soma

“O home office implantou e exponenciou a cultura da autonomia”



O Grupo Soma (do grupo das marcas Hering, Dzarm, Farm, Animale, Maria Filó e Fábula, entre outras) adiou a volta ao escritório, em razão da nova onda de covid, e o diretor-presidente, Roberto Jatáhy, explica que as lições aprendidas em dois anos de pandemia facilitaram a decisão.

“O home office implantou e exponenciou a cultura da autonomia”, diz. “Havia uma falsa percepção de que a pessoa ao seu lado fisicamente estava trabalhando. A gente hoje trabalha por indicador. A pessoa tem de entregar independentemente se vai trabalhar dia de semana ou fim de semana.”

Waldemar Junior
Diretor-presidente da General Mills no Brasil

“Chegamos à conclusão de que conseguimos operar bem no ambiente virtual”



Dona das marcas Yoki e Häagen-Dazs, a multinacional americana General Mills havia se preparado para uma volta ao escritório em São Bernardo do Campo (SP), em janeiro, com trabalho presencial duas ou três vezes por mês. Com a Ômicron, o plano foi adiado até a pandemia arrefecer.

“Chegamos à conclusão de que conseguimos operar bem no ambiente virtual. Do ponto de vista de preferência do funcionário, 90% afirmaram que tinham expectativa de ir para o escritório uma ou duas vezes por semana”, diz o diretor-presidente no Brasil, Waldemar Junior.

PALAVRAS-CHAVE



relação ao modo de consumo que se verificará a partir de agora. Isso porque, nos últimos anos, produtos para serem usados em casa se tornaram prioridade para os consumidores. Não se sabe ainda se essa tendência permanecerá. “Ainda existe um grau elevado de in-

certeza, de como ficará o consumo. O consumo na pandemia foi muito para o lar. A incerteza é quanto continuará no lar e quanto irá para fora do lar. É uma equação difícil. As pessoas investiram para ficar mais em casa, adquiriram ativos. Acharmos que o consumo

no lar continuará forte”, acrescenta Junior, da General Mills.

POUPANÇA DOS MAIS RICOS. Para o presidente do Grupo Soma (detentor das marcas de vestuário Hering, Dzarm, Farm e Animale, entre outras), Roberto Jatáhy, a poupança fei-

ta durante a pandemia pelas classes mais altas deve segurar o consumo em 2022. O que preocupa é a alta do juros e as eleições. “Ano de eleição é de muita insegurança. Isso impacta no consumo. Por outro lado, também tem afrouxamento fiscal, que pode propiciar o aumento das compras.”

Presidente do grupo de medicina diagnóstica Sabin, Lídia Abdalla, também destaca os desafios econômicos em um ano de eleição e considera que a falta de avanço na agenda de reformas deve pesar agora. “Sabemos que algumas reformas não avançaram e que isso vai gerar impacto nos nossos negócios neste ano.”

Em relação às consequências deixadas pela covid e que ainda desafiam as empresas, o executivo da General Mills lembra da quebra de cadeias produtivas, que desencadeou a falta de matérias-primas. O problema fez a companhia, nos últimos anos, mapear os itens que são essenciais nas fábricas para evitar o desabastecimento. “Isso vai continuar a ser um desafio em 2022”, diz Junior. ●